



Porto Ferreira

# Câmara Municipal de Porto Ferreira

ESTADO DE SÃO PAULO  
CNPJ 47.794.169/0001-24

Of. Nº **INDICAÇÃO Nº 409/2019**

**SENHOR PRESIDENTE**

Indico a Vossa Senhoria, Obedecidas as Normas Regimentais, seja oficiado ao Excelentíssimo Senhor Prefeito Municipal, sugerindo ao mesmo, dar a denominação de **JOSÉ ZUFFO** a um logradouro público de Porto Ferreira.

Segue anexa biografia do homenageado.

Plenário Syrio Ignátios, 23 de outubro de 2019.

  
José Gustavo Braga Coluci  
Vereador

**CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO FERREIRA**

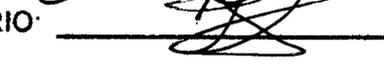
**LEITURA NO EXPEDIENTE DA SESSÃO ORDINÁRIA**

REALIZADA EM: 29/10/2019

DESPACHO : **OFICIAR**

PRESIDENTE 

1º SECRETÁRIO 

2º SECRETÁRIO 

## **BIOGRAFIA – JOSÉ ZUFFO**

JOSÉ ZUFFO, nascido em 22 de fevereiro de 1932, na zona rural do município de Santa Cruz das Palmeiras, próximo da Cachoeira de Emas. Foi o segundo filho de Bruno Camilo Zuffo e Maria Rosária de Mathias Zuffo.

A irmã mais velha ainda vive, em São Paulo SP e se chama Maria Aparecida Zuffo.

Com a viuvez, seu pai casou-se novamente e teve mais cinco filhos: 1- Antônio Círio Zuffo, que vive em Pirassununga; 2- Rosa Leonor Zuffo, falecida em Pirassununga; 3- Luiz Zuffo, falecido em Porto Ferreira; 4- Nelson Caron Zuffo, que vive em Campinas SP e Anísio Zuffo, que vive em Campinas SP.

Casou-se em 14 de dezembro de 1953 com Helena Baccarin Zuffo na cidade de Pirassununga, no antigo Hotel Rex que ficava na Rua José Bonifácio onde hoje é o Banco Bradesco e era propriedade do pai da noiva.

Ainda solteiro, em 1950, com 18 anos de idade veio de Pirassununga pela estrada de terra com sua bicicleta e foi fazer teste na antiga Nestlé, ainda em construção, para trabalhar como pedreiro. Foi admitido no mesmo dia e instalou-se na Pensão que ficava na esquina da Rua Dona Balbina com a Av. 24 de Outubro, então propriedade de seu futuro sogro.

Desse casamento que durou sua vida toda, teve cinco filhos:

Walnice Helena Zuffo, arquiteta urbanista residente em Porto Ferreira

Waldenice Aparecida Zuffo, assistente social residente em Porto Ferreira

Vania Lucia Zuffo e Zuffo, assistente social residente em Pirassununga

Vera Cristina Zuffo, psicóloga e medica homeopata, residente em Brasília DF e

Valmir José Zuffo, engenheiro agrônomo residente em Pinheiros ES

Tem dez netos:

Marina Zuffo Janducci de Avellar, advogada.

Bruno Zuffo Janducci, engenheiro florestal.

Mariana Zuffo Requião, Administração Pública.

José Pedro Zuffo Janducci, Engenheiro Ambiental.

Jonas Zuffo Requião, Engenheiro da Computação

Renan Nardin Zuffo, Administrador de Empresas.

Lívia Zuffo, Bióloga.

Allan Zuffo, Tenente da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

Dara Zuffo, Educação Física

Rafael Nardin Zuffo, estudante de medicina em São José do Rio Preto.

Estudou até o terceiro ano primário na escola rural onde nasceu e ficou até os 15 anos quando a família se mudou para Pirassununga.

Seu primeiro trabalho foi aos 12 anos puxando arado nas terras onde morava. Contava seu pai que ele já trabalhava com a força de um homem e se sentia como tal. Aos quinze anos já

morando em Pirassununga foi levado por seu pai para fazer teste como servente de pedreiro. O construtor Pedro Ziliotto, mostrou uma vala no chão e pediu que ele buscasse uma rocha daquele tamanho e o resultado foi bom, encaixou perfeitamente na vala. Foi contratado imediatamente. Assim foi até os 18 anos, aprendendo o ofício que o tornou um pedreiro eficiente.

Na pensão onde morava conheceu sua futura esposa, casou-se e foi morar em uma casinha de aluguel na primeira quadra da Rua João Procópio Sobrinho, defronte a pensão da Dona Ana Constantino. Durante o dia trabalhava na construção da Nestlé onde aperfeiçoou seu conhecimento no desempenho do concreto armado e na leitura de projetos em plantas de execução. No final do dia, com ferramentas na garupa da bicicleta fazia pequenos consertos de construção civil. Nos finais de semana começou a construir sua primeira residência na Rua Perondi Iginio nº 160.

Gostava tanto da cidade e de construção de cidades que sua firma aberta em 1957 ganhou o nome de CITY MOVEIS.

Seu primeiro automóvel foi uma ximbiça e depois um caminhão que seria útil para carregar material de construção. Adquiriu um lote no “areião” da Rua João Mutinelli 575 onde construiu um barracão para serrar e aparelhar as madeiras usadas na cobertura das edificações (esse tipo de serviço tinha que ser feito, até então, em Pirassununga). Aprendeu o serviço de carpintaria com o Sr. Narciso Bruno, a quem tecia muitos elogios. Ateveu-se a construir seu primeiro mobiliário, um dormitório de casal completo. Daí foi um passo para se aperfeiçoar na profissão de marceneiro e assim construiu uma fábrica de móveis, ali na Rua João Mutinelli. Fabricou muitos móveis, de madeira maciça, fórmica, estofados coloniais e etc. Tinha os vendedores que percorriam vários estados e caminhões que faziam as entregas. Sempre trabalhando junto, principalmente no carregamento da carga. Tinha noção perfeita de alinhamento, esquadrejamento, prumo, geometria e resistência dos materiais. Excelente noção de estética e não tinha muita paciência com pessoas que apresentavam pouca vontade de trabalhar ou que fossem destituídas de inteligência.

Na loja, vendia os móveis que fabricava e foi ampliando, eletrodomésticos, televisores, rádios, bicicletas, tapetes e decorações. Formou uma equipe de contabilidade nos moldes do Banco do Brasil, admirável. Muitos contabilistas de qualidade que atuam hoje na cidade dizem que aprenderam a trabalhar no escritório da City Moveis. Organizado, um planejador exato e um patrão justo.

Conforme foi progredindo, diversificou seu estabelecimento comercial incluindo materiais de construção e supermercado. Sempre trabalhando. Pouco viajou para lazer, saía para procurar e conhecer novos fornecedores, mercado de consumo e exposições de fabricantes.

Gostava demais de música. Logo cedo ligava o rádio que ficava tocando o dia todo. No final do dia ouvia discos na vitrola poderosa que adquiriu e sempre trocava por um modelo mais novo. Muitos discos, tornou-se amigo dos proprietários da Radio Primavera, promovia bailes no galpão da fábrica de móveis ao som da música ao vivo dos músicos locais. Gostava também de

futebol. Sempre humilde, vivia uma vida simples, mas sonhava alto e grande! Tinha compaixão pela pobreza e ajudava como podia a todos que o solicitavam. Nesse ritmo foi ajudando na construção de um clube que dizia ele, seria para os pobres, que não podiam pagar os dois Clubes existentes. Tornou-se presidente do Palmeirinha e construiu obras sólidas e com boa aparência, um campo de futebol com três tuneis que se comunicam com os vestiários para assim participar e promover jogos da primeira divisão. Ajardinou e plantou arvores. Tudo isso sem vender um único titulo e sem aumentar a quantidade de títulos. Valorizou o Clube em mais de 400% do seu valor. Promovia bingos que traziam pessoas de varias cidades vizinhas. Foi presidente dessa Sociedade Esportiva Palmeirinha até o golpe dado por alguns conselheiros que em troca de favores e orientados por politiqueiros, mudaram o estatuto social do clube na calada da noite anterior à eleição, onde incluíram que o presidente não poderia se eleger em mais de uma gestão. Aborrecido e muito ofendido, não recorreu à justiça e deixou o clube, preconizando que aqueles que o estavam tirando de lá não teriam nem condições de manter o que ele havia construído, teriam que vender partes do clube para pagar dividas adquiridas por falta de gestão honesta e eficiente. Dito e feito.

Conhecido como pessoa bondosa e que gostava de colaborar com a cidade, foi muito procurado e jamais disse não para a solicitação que cabia no seu bolso que era grande do tamanho do seu potencial de trabalho. Foi paraninfo de centenas de formaturas de ginásio, Escola de Comércio. Mobiliou o Asilo de Porto Ferreira, a Creche Henrique João, ajudou muito comprando talões de rifas completos para ajudar formandos, construção e reformas de escolas públicas, Hospital, praças, times de futebol, era comum chegar em lugares públicos e sentar em bancos construídos e doados pela City Móveis.

No final dos anos 60 e década de 1970, promovia corridas de bicicletas objetivando a venda de bicicletas que eram muito usadas pela população Ferreirense na locomoção para o trabalho e lazer. Ciclistas de várias cidades vinham participar. Os prêmios eram um atrativo para os esportistas. Usava aparelhos eletrônicos de ponta para os locutores em microfones e alto falantes que chegavam aos ouvidos de todos. José Klein, Sr. Assefinho e Orestes Rocha que o digam. A festa era inclusive no dia das mães, prêmio para os ciclistas e prêmio para as mães: a mais nova, a mais velha, a que tivesse mais filhos e assim vai... Fazia isso como quem estivesse suprimindo a falta da própria mãe que faleceu quando ele tinha dois anos. Promovia também o futebol em nossa cidade, chegou a ter um time com o nome de City Moveis. Com cinco filhos para carregar, usava um carro grande, o maior que havia, que era muito solicitado para carregar doentes para cidades maiores, considerando a inexistência de ambulância na cidade. Ele dava o carro, motorista e tanque cheio.

A família dele tem orgulho de dizer nunca ter visto o pai consumir bebida alcoólica que não fosse para comemorar aniversário, casamento, final de ano, almoço de domingo. Reputação ilibada na sociedade, promoveu a paz na família e deixou um legado de trabalho e honestidade. É comum ainda hoje encontrarem pessoas que relatam algum feito dele que ninguém ficou sabendo, como auxilio em dinheiro, material de construção, produtos da loja ou da fábrica, e muito mais. Tudo feito no silêncio, sem propaganda. Muitos velhinhos contam

que não podiam comprar bicicletas e então ele fazia prestações a perder de vista, no valor que podia ser pago por eles. Sempre agradecendo, contam histórias cheias de emoção e carinho.

Talvez ele tenha sido o único cidadão Ferreirense que foi aclamado para ser candidato a prefeito da cidade, já que estava explícita sua capacidade administrativa, seu interesse em ajudar a todos, seu talento para planejar e criar muito com pouco dinheiro, além de seu exemplo de trabalho honesto e filantropia realmente desinteressada. Esse é o perfeito processo democrático, o candidato é aclamado para o cargo político, o melhor de nós vai cuidar de todos. Ele não queria entrar para a política de jeito nenhum, dizendo não ter tempo para isso, mas não teve jeito! Aceitou pelo medo das ameaças que lhe fizeram dizendo que se não aceitasse, os politiquinhos iriam detonar a cidade!!!Inexplicavelmente perdeu as eleições. Naquela ocasião a Folha de São Paulo fazia as pesquisas e tinha o mérito do acerto de 100% em todos os municípios paulistas. Na prévia, José Zuffo ganharia disparado na frente. Foi a única cidade, naquele ano, que a Folha de São Paulo não acertou.

Na década de 1970 iniciou uma obra nas margens da Via Anhanguera com 10.000m<sup>2</sup> de área construída e comprou o terreno ao lado para estacionamento, pensava construir uma imensa fábrica de móveis. Foi autuado pela Prefeitura Municipal que, para seu maior desapontamento deu de cara com um projeto completo, concebido por um engenheiro renomado de Santa Rita do Passa Quatro, Sr. Alberto Bittar Cury, com aprovação na CETESB. A City Móveis era constantemente visitada por fiscais estaduais que além de não encontrar nada de ilegal ficavam surpresos em encontrar um sistema de trabalho tão organizado. Antes ainda de terminar a construção, desistiu da fábrica de móveis por razões óbvias de poluição sonora, já que a cidade estava chegando perto da obra e sentiu que o local seria propício para expor os produtos fabricados pelas cerâmicas artísticas. Elaborou um projeto com quase cem lojinhas, praça de alimentação, sanitários, em dois pavimentos com uma escada belíssima no centro de tudo e um restaurante panorâmico no terceiro andar. Caso tivesse concluído, certamente o local seria o que hoje temos na Avenida do Comércio.

No ano de 2000, quando faleceu sua esposa, foi ficando triste, idade avançada, a cidade bem diferente daquela que ele planejava para ser um lugar feliz de se viver, entre outros dissabores, diabético, pressão alta, adoeceu e em setembro de 2012 veio a falecer de um câncer de pâncreas. Foi velado em Porto Ferreira e sepultado no jazigo da família na cidade de Pirassununga, por uma multidão de amigos e parentes e o local não comportou o tanto de flores a ele oferecidas.